



Esta obra está sob o direito de  
Licença Creative Commons  
Atribuição 4.0 Internacional.

## **TIC,s :UMA ALTERNATIVA PEDAGÓGICA PARA O LETRAMENTO DE DEFICIENTES AUDITIVOS EM SALA DE AULA REGULAR**

*Maria Vanisia J. da Silva dos Santos* <sup>1</sup>

*Ivonise Maria Cordeiro Mascarenhas* <sup>2</sup>

*Rosemaire Mascarenhas Costa* <sup>3</sup>

*Ana Lúcia Nogueira da Silva Nascimento* <sup>4</sup>

*Luiz Carlos Bastos Da Rocha* <sup>5</sup>

*Avelina Pereira Barros* <sup>6</sup>

### **RESUMO**

É crescente o número de pesquisas desenvolvidas tratando das questões de ensino e aprendizagem de alunos com deficiência auditiva em sala regular. As investigações têm se desenvolvido por meio de diferentes tendências. Neste trabalho, abordarei as TCI,s como uma alternativa pedagógica para o letramento de deficientes auditivos. Com o uso das tecnologias o aluno terá a oportunidade de desenvolver o letramento interagindo e manifestado sua participação social através dos recursos midiáticos. Em virtude da existência de recursos tecnológicos tão potentes disponibilizados para o uso humano e conseqüentemente da educação, visou-se examinar sua aplicabilidade no processo educacional em sala de aula com alunos em processo de inclusão.

**PALAVRAS CHAVES:** deficiente auditivo; letramento; ensino; TCI,s.

---

<sup>1</sup> Pedagoga pela UAG/UFRPE, especialista em Mídia na Educação pela UFPE e psicopedagoga pela UPE, atuando como profa. da Educação Básica. Email: vanisia.silva@outlook.com

<sup>2</sup> ivonisemcm@hotmail.com

<sup>3</sup> rosemaire.rosas@hotmail.com

<sup>4</sup> ananogueiraa@gmail.com

<sup>5</sup> luizcarlosbastosjr@hotmail.com

<sup>6</sup> avelina.pereira@hotmail.com

## 1 INTRODUÇÃO

O Brasil constitui-se um país de povos plurais, no entanto, o diferente<sup>1</sup>, geralmente se encontra a margem da sociedade. Nesse contexto, “os diferentes”, buscam um lugar de destaque lutando pelos seus direitos e reconhecimento social, enfim, buscam a inclusão.

Fazer parte de uma sociedade que exclui, torna-se difícil, quando se é diferente, pois a inclusão deixa de ser uma preocupação de governantes e passa a ser uma questão fundamentalmente social. Incluir-se e fazer parte, nessa perspectiva torna-se uma questão complexa, se a sociedade não estiver aberta para o novo.

As pessoas com deficiência, por exemplo, são discriminadas em função da diferença que apresentam e apesar de já existirem inúmeras políticas públicas que viabilizam os direitos para essas pessoas e da constituição reger que não deve haver quaisquer forma de discriminação, a sociedade ainda continua excluindo.

O artigo 5º da constituição federal (1988, p.15) diz:

Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a

inviolabilidade do direito a vida, a liberdade, a igualdade, a segurança e a propriedade.

É impressionante como atua a sociedade, pois para se fazer valer um direito do cidadão, este deve está previsto em lei e mesmo assim, muitas vezes, esse direito é ignorado. No caso das pessoas com deficiência, a sociedade é a primeira a excluir, mesmo a constituição mostrando que independente de qualquer natureza, todos são iguais. A escola não age diferente, mesmo sendo a instituição designada para ministrar um ensino coletivo, para todos, ela ainda acaba excluindo, pois sofre vultosas pressões para lidar com a diversidade que terá que atender. De acordo com Rodrigues (2003, p.91-92):

A escola foi (é?) uma fonte de exclusão para muitos alunos que, quase sempre, viram confundidos com “falta de motivação”, “indisciplina”, ou “falta de inteligência” a incompatibilidade entre seus valores, ritmos e interesses com os que eram veiculados na escola.

No âmbito educacional políticas públicas tem sido implementadas e repensadas com o fito da escola se tornar

---

<sup>1</sup> De acordo com o minidicionário escolar Aurélio, p.235, diferente quer dizer: que não é igual, que difere, desigual.

inclusiva e para que os preceitos constitucionais realmente fluam trazendo uma visão de sociedade justa e igualitária e mesmo assim, a realidade com a qual se depara esses alunos na escola encontra-se distante daquela descrita, por exemplo, na Lei de diretrizes e bases da educação, nº 9.394/96, determina que a LIBRAS faça parte do currículo de ensino. Apesar da exigência, em muitas escolas a lei não é cumprida, a libras não é oferecida nem ao menos faz parte do currículo da rede de ensino, o profissional continua despreparado e o ambiente escolar continua segregador. O que se pode notar, é que as práticas educacionais apontam efeitos devastadores, o fracasso escolar se torna frequente e crescente e os alunos sofrem por não existir na escola profissionais que valorizem e que trabalhem com a diferença.

Diante dessas colocações, o termo inclusão remete a escola e professores alguns sentimentos negativos, tais como: é uma experiência nova, não estou preparado, não estou capacitado para incluir, não vou saber ensinar, dentre outros, tornando indiferentes as diferenças. O termo inclusão deveria fluir como um olhar para a mudança, para a adaptação de velhos hábitos, para a quebra de paradigmas e para a transformação da realidade escolar em vista aos alunos com necessidades educacionais especiais, pois está se tratando de necessidades específicas

de alunos no que diz respeito a aprendizagem e não de uma prática médica. O profissional da educação tem o importante papel de está na escola para atuar na prática pedagógica, buscando subsídios para transformar a realidade escolar e sanar a necessidade que o aluno trouxe consigo. Porém, pode-se dizer que, a transformação da realidade escolar só será possível se a sociedade se tornar mais solidária, mais igualitária e se o ensino de qualidade realmente passar a ser um direito de todos, em qualquer instância, seja ela pública ou privada. Daí surge a seguinte indagação: pode a escola ser inclusiva numa sociedade que não é? A resposta a essa pergunta é simples: Eduque para a cidadania. Se é na escola que se educa para a cidadania, porque ao invés de se estar conscientizando para que o diferente seja visto como “normal” em relação aos alunos com necessidades educacionais especiais, infelizmente, se está procurando documentos com diagnósticos médicos para justificar a não aprendizagem da criança e camuflando a falta de ação do professor em um trabalho educacional e pedagógico? Na maioria dos casos, a camuflagem da ação está embutida em um diagnóstico, visualizando o estudante como um incapaz.

A criança surda, por exemplo, sofre prejuízo devido a não escutar, ficando restrita aos direitos de aprender e

comprometendo sua escolaridade, visto que sua deficiência está sendo julgada pela ótica clínica-terapêutica. É necessário entender, que a surdez não prejudica em nada sua capacidade intelectual, o que vai dificultar sua aprendizagem é a falta de ação do profissional em procurar condições para lidar com a dificuldade da criança e fazê-la aprender. Logo, apenas garantir o acesso do aluno especial em uma escola regular, não basta, tem que se garantir os direitos e a aprendizagem.

Vários são os caminhos para incluir e a escola é um deles, por isso, me proponho a pesquisar como se dá a alfabetização de crianças surdas na escola regular, de forma que as mesmas alcancem um desempenho satisfatório e cheguem a tão esperada aprendizagem.

Assim, o presente artigo tem o objetivo de pesquisar quais profissionais da educação estão habilitados para receber em sua sala de aula alunos com deficiência auditiva e que trabalhos de cunho educacional e pedagógico estão sendo aplicados para que esses alunos de fato aprendam?

Para entender melhor a temática abordada, o artigo será dividido em dois tópicos: o primeiro observará o profissional que atua na educação do surdo e o segundo falará sobre os trabalhos pedagógicos na sala de aula para os surdos. Em seguida, as considerações finais.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de uma revisão de literatura tradicional, não sistemática, descritiva, de natureza qualitativa e bibliográfica, já que a análise se realizou em diversas fontes de pesquisas como conteúdo de livros, artigos científicos, sites, dissertações, teses e bibliográficas virtuais.

## **2 EDUCAÇÃO INCLUSIVA DE CRIANÇAS SURDAS**

Com o acentuado desenvolvimento da sociedade e a evolução tecnológica é notável as transformações pelas quais a educação tem passado nas últimas décadas. Nestas transformações insere-se também, o ensino de crianças surdas, que necessitam de uma comunicação, seja ela a fala ou a língua de sinais, pois é essa comunicação que unirá o indivíduo ao mundo.

Todas as tendências de renovação e inovação do letramento de alunos surdos envolvem mudanças de paradigma, percebendo que a postura linear que o professor ocupa, seguindo a risca a exposição do conteúdo, fazendo os exercícios de fixação e avaliando, já há muito tempo, não responde às necessidades dos estudantes deficientes.

A criança ao adentrar o ambiente escolar, começa a receber uma gama de informações, típicas do ambiente. Essas

informações são transmitidas através da fala. A preocupação agora está em incluir. Como lidar com os alunos deficientes auditivos em sala regular? Como letrar esses alunos? Os professores que os recebem estão preparados para o desafio da inclusão? Como incluir sem excluir? A questão se torna complexa, pois vivemos em uma sociedade, onde o que não é considerado normal, geralmente tende a ser discriminado, excluído e intolerável.

As pessoas que possuem algum tipo de deficiência são identificadas como incapaz e essa diferenciação em relação aos alunos ditos normais acabam por definir um lugar nada sociável para os deficientes: lugar de exclusão. A escola então, local apropriado para fazer a diferença e ensinar ser cidadão acaba sofrendo inúmeras pressões para poder agir de acordo com os novos tempos e melhorar a qualidade de ensino que deve ser oferecido ao público diferenciado que está prestes a atender. Dentro desse contexto, é necessário, criar um ambiente de ensino que desenvolva no profissional de educação a competência de refletir sua ação. Quando a reflexão para o ensino não acontece, qualquer método utilizado poderá vir a ser um fracasso, pois o agente multiplicador não conseguirá estabelecer significado ao aprendizado do alunado e a sua metodologia não atingirá o processo de escolarização.

As metodologias embasadas para serem utilizadas com o deficiente requer um planejamento e ensino específico para que este atinja o alvo: a aprendizagem do aluno.

Pedroso (2001, p.22), parafraseando Skliar (1988) diz:

Os métodos de ensino só poderão ser adequados às necessidades especiais dos alunos surdos se forem capazes de incorporar o modo de viver dos surdos, portanto deverão ser organizados com a participação do surdo adulto ou professor surdo, na educação, e com a presença de profissionais capacitados em Libras.

Sendo assim, como pode o profissional da educação embasar um método que ele em si não domina e não está capacitado, se não houver um surdo adulto ou professor surdo que lhe auxilie na aplicabilidade do método? Embora esta ideia já esteja bastante difundida em relação ao comportamento do professor, neste trabalho falaremos sobre a atuação do mesmo em sala de aula e métodos que são adotados para o desenvolvimento do letramento pelos alunos com deficiência auditiva. É neste encaminhamento que penso que, para assegurar uma aprendizagem reflexiva de conteúdos centrada no letramento em conexão com os recursos midiáticos, que se faz necessário

que o profissional esteja apto a trilhar caminhos que busquem a integração, para que as trocas entre os envolvidos na educação sejam significativas, flexíveis e aconteçam em torno de objetos concretos de aprendizagem.

## 2.1 ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Apesar de a educação inclusiva envolver outras áreas de ordem motora, cognitiva e sensorial, é preciso deixar claro que este artigo irá se deter apenas a ordem sensorial auditiva. Para isso, falarei um pouco sobre o profissional que atua nessa área.

O profissional da educação hoje é um dos principais mentores da aprendizagem dos alunos com deficiência, pois é ele quem atua diretamente, buscando desenvolver diferentes formas de acesso ao objeto de conhecimento. Porém, é importante ressaltar que alguns profissionais ainda sentem-se despreparados para a atuação com alunos deficientes, deixando a culpa da despreparação para a escola que segundo eles, não disponibilizam recursos e nem formação continuada que assegure condições de trabalho para com essas crianças. Se profissional sente-se inseguro, então quando é que ele vai está preparado? E o que fazer enquanto essa preparação não chega?

Uma atuação profissional próspera deve levar em conta que o processo de alfabetização da criança surda será mais complexo que de uma criança ouvinte e por isso, requer atividades específicas imprescindíveis para o desenvolvimento e o conhecimento do aluno, pois o desafio está justamente em pensar a diferença como parte ativa do processo de aprendizagem. Pensar e planejar intervenções pedagógicas que mobilizem o processo de ensino – aprendizagem é competência da escola. Alguns passos precisam ser seguidos, não como receita, mas como uma possibilidade para a mudança de paradigmas. O primeiro passo para vencer os desafios da inclusão é conhecer as salas de apoio do Atendimento Educacional Especializado (AEE), que é garantido ao educador. O segundo passo é conhecer as limitações do seu aluno e no caso particular da surdez, saber que a pessoa percebe e compreende o mundo por meio da visão, ou seja, todo o aprendizado estará pautado no significado das imagens que serão exploradas para a construção do conhecimento.

Uma das situações embaraçosas para o professor é onde localizar o aluno com surdez na sala, se na primeira banca ou deve ter um lugar em específico para tal. A princípio é bom deixar o aluno a vontade para que ele escolha onde quer sentar, no entanto, se faz necessário que o professor observe se o local escolhido é adequado pra

o aluno visualizar seu interlocutor, pois, alguns sujeitos já são usuários de aparelho auditivo ou implante coclear, outros fazem leitura labial, comunicam-se com gestos ou mímicas e outros usam a língua de sinais, os surdos bilíngues, logo, cada caso em particular, requer uma atenção singular para que a aprendizagem aconteça. De acordo com Quadros e Schmiedt (2006, p.19), “a educação bilíngue depende da presença de professores bilíngues”. E nas nossas escolas muitas vezes não as temos. Daí o desafio para o professor, que se não estiver capacitado, além de polivalente ainda terá que atuar como intérprete, algo difícil de fazer se não levar em consideração cada um desses contextos e nem conhecer ou praticar a língua dos sinais. A indagação é como partir para o aprendizado na íntegra, se não se sabe por onde começar? O português é uma língua oral auditiva e a libras é visual espacial [...]. Isso implica dizer, que a criança para adquiri-la, precisa ter um contato com um usuário (BRASIL, 2012, p.31). Logo o ponto de partida para a alfabetização de uma criança surda está na língua que ela utiliza para compreender os assuntos abordados.

É interessante que antes que a criança surda aprenda e escreva o português, idioma utilizado no Brasil, é

imprescindível que antes, ele exponha-se em sinais, ficando a língua portuguesa como segunda língua. Nessa perspectiva, o aluno surdo torna-se bilíngue e o fracasso da não aprendizagem da língua portuguesa pode transformasse em superação.

Enfim, é necessário viver a educação inclusiva como uma proposta social que esteja atenta as limitações significativas do indivíduo em todos os aspectos, desde a atuação profissional até as habilidades conceituais, sociais e práticas.

## **2.2 AS TIC, S E A ALFABETIZAÇÃO DOS ALUNOS COM SURDEZ: O QUE MUDA NA MANEIRA DE ENSINAR E APRENDER COM A CHEGADA DA WEB<sup>2</sup>?**

A humanidade está vivendo um momento histórico: a introdução das tecnologias de comunicação nas velhas práticas educativas. Já se pensava em uma nova forma de ensinar e aprender no contexto escolar e com a chegada da era digital novas possibilidades e desafios entra de carona com a tecnologia dentro da sala de aula. Logo, percebe-se que as novas tecnologias são mais que um fato passageiro, elas vieram para ficar. Ficou, tomou espaço e hoje está na maioria dos

---

<sup>2</sup> De acordo com o dicionário Aurélio significa sistema de hipermídia disponível na *internet*, com

Santos, Mascarenhas, Costa, Nascimento, Rocha Barros. et al.

documentos e outros objetos localizados em pontos diversos da rede e vinculados entre si.

lares e locais públicos. Essas tecnologias, além de atrativas trazem consigo atividades desafiadoras, favorecendo ao aluno autonomia e estratégias que propiciam o desenvolvimento escolar. É desse aparato que a comunidade surda necessita para apropriar-se do sistema escrito e da cultura das narrativas surdas. Segundo Brasil (2014, p.64) “O uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), principalmente aquelas associadas à internet, possibilitam o acesso a informações e contribuem para a comunicação das pessoas surdas”.

Sem dúvidas a internet trouxe, para a comunidade surda um novo horizonte, um novo sentido, pois através dela as crianças surdas tem acesso a um vasto material em libras que podem as auxiliar na construção de seus conhecimentos escolares. Assim, as TIC,s aparecem como uma ferramenta educacional imprescindível para ser usada no ambiente escolar, pois além de favorecer as formas de comunicação entre os interlocutores ainda contribui para o processo de ensino e aprendizagem com singular importância para as crianças surdas.

Tornou-se evidente o avanço do uso das novas tecnologias, embora o mergulho no espaço das vivências do mundo virtual seja recente. A orientação em relação às novas tecnologias é então que ela seja usada como um meio para se chegar a

objetivos desejados e não como um fim em si mesma.

Os usos da Web se ampliaram e na área do ensino, o acesso à internet que hoje pode ser feito também via celular, vem acarretando grandes mudanças no cotidiano escolar que ainda geram impactos pouco assimilados ou compreendidos pelos principais interessados, professores e alunos.

Entre as tecnologias utilizadas pelas pessoas surdas, destacamos o TDD (Telecommunications Device for the Deaf) – telefones para surdos - os despertadores vibratórios, a babá eletrônica, a campainha luminosa, os telefones celulares para o envio de SMS, as legendas em aparelhos de televisão (close captions), os computadores e todos os artefatos similares. (BRASIL, 2014, p.66)

Alguns professores não se sentem capacitados para aproveitar os recursos que as TIC proporcionam e outros na euforia, fazem uso dele em qualquer atividade sem planejamento nenhum, o que acarreta perda para ambos – professor que não sabe o que está ensinando e aluno que não sabe o que está aprendendo e quando se trata de pessoas surdas, o ensino e o aprimoramento devem centrar-se na reflexão sobre a língua, levando em consideração que a experiência visual é fonte importantíssima para a alfabetização. Para que não hajam

lesados<sup>3</sup>, é importante que o docente analise com responsabilidade quais conteúdos podem ser ensinados com o uso da tecnologia, para que aconteça o aproveitamento pedagógico e conseqüentemente a aprendizagem, contemplando a diferença surda no processo educacional e contribuindo fortemente para a formação entre ambas as partes. Não se pode esquecer que o educador ainda migra para esse espaço digital, ao passo que muitos alunos já nasceram dentro de uma cultura virtualizada.

À medida que se avança para o futuro, é possível perceber que a aprendizagem está se redefinindo e requer de quem ensina novas formas que se adequem ao momento histórico. As estratégias usadas nas formas tradicionais de ensino já não conseguem mais dar conta da demanda educacional dos novos tempos, exigindo do educador uma reaprendizagem para lidar com os novos recursos.

Não se admite mais professores desanimados e nem alunos sem estímulo, por isso surge à necessidade da reaprendizagem por parte do professor e do desenvolvimento de habilidades tecnológicas por parte do aluno. É a era do professor e aluno em rede e todos independente de deficiência devem estar

envolvidos nas mudanças significativas que estão ocorrendo.

A reaprendizagem do professor deve ser rápida, para que ele consiga tornar os recursos digitais em aliados poderosos na transformação e atualização da prática pedagógica de seu tempo. De acordo com Borba e Penteado:

Reconhecemos que é preciso tempo e um maior comprometimento dos próprios professores e da coordenação da escola para que ocorram mudanças significativas na prática de sala de aula (2003. p.69)

Porém, não se pode demorar muito para que esse comprometimento com a educação aconteça, pois o tempo não pára e a todo instante surgem recursos novos que irão auxiliar na educação e conseqüentemente na sala de aula. São inúmeros os recursos que se pode utilizar, porém mais uma vez deve se chamar a atenção para o como utilizar, pois essas ferramentas devem ter um objetivo e uma reflexão em cada aula a ser ministrada, de forma que os alunos sejam os protagonistas da construção e do conhecimento. Assim ressalta Pretto (2010. p.23):

As tecnologias devem funcionar como estímulo permanente à

---

<sup>3</sup> A palavra lesado é usado aqui como sinônimo de prejudicado.

criação e à produção e não apenas meras ferramentas aprisionadas nas grades da escola, que essas sejam as dos portões dos laboratórios de informática ou a dos currículos.

O acesso às tecnologias deve apresentasse de forma dinâmica, informativa e interativa favorecendo assim, o processo de aquisição da linguagem e contemplando o objetivo do conteúdo a ser abordado, tornando-os ativos, com todas as pessoas que com eles mantém contato como membros de uma sociedade que os inclui. Dessa forma, o acesso aos recursos tecnológicos deve ser facilitado ao aluno, para que ele deixe de ser espectador e passa a função de ator.

## CONCLUSÃO

Apesar de vivermos em um país de diferentes povos, com culturas diferentes e formas diferentes de se viver, a sociedade ainda é segregadora, principalmente quando se fala da inclusão. E na escola não é diferente. Os alunos com necessidades especiais, por exemplo, ainda vivem a margem do público escolar, pois as políticas públicas, não atendem a demanda educacional tão almejada na educação.

Os professores tornam se inativos mediante seu lado profissional, por sentirem-se despreparados para lidar com as tecnologias e com as diferenças. As

atividades escolares pedem mudanças de paradigmas e o professor já não responde às necessidades dos estudantes com deficiência.

Logo, os alunos surdos precisam ter contato com a tecnologia para que os conteúdos sejam aprendidos com maior facilidade, já que sua aprendizagem acontece de forma visual. Porém, se os professores não se sentirem capacitados, para lidar com os alunos com necessidades especiais, nem com os recursos que as TIC,s proporcionam, o ensino será em vão, pois os alunos não percorrem sozinho para o aprendizado, é necessário um mediador para que a aprendizagem aconteça.

Por fim, é importante ressaltar que os professores precisam passar por uma reciclagem para que aprendam a usar as tecnologias e assim, favoreçam as práticas de letramento no ensino- aprendizagem de alunos surdos.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil: Texto Constitucional- Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas,2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio a Gestão Educacional. Caderno de Educação Especial: a alfabetização de crianças com deficiência: uma proposta inclusiva/Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2012.

\_\_\_\_\_. Diretoria de Apoio a Gestão Educacional. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Educação inclusiva/Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2014.

BORBA, Marcelo de Carvalho/PENTEADO, Miriam de Godoy. **Informática e educação matemática**. 3<sup>a</sup> Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

Educação inclusiva: as boas e más notícias. In: RODRIGUES, D. (org.). **Perspectivas sobre a inclusão**: da educação a sociedade. Porto, 2003.p.91-92.

PEDROSO, C.C.A. **Com a palavra o surdo**: aspectos do seu processo de escolarização. 2001. 155f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, SP, 2001.

PRETTO, Nelson. **Professor em rede**. Pesquisador do CNPq, Bahia, p.22-23, maio/junho. 2010.

QUADROS,R.M de; SCHMIEDT,M.L.P. **Idéias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília, MEC/SEE, SP, 2006.